



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ANNA VALÉRIA GOMES E SILVA**

**MEMÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA ESTUDANTE DE HISTÓRIA:  
ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DE TRAJETÓRIA**

**Guarabira - PB  
2017**

**ANNA VALÉRIA GOMES E SILVA**

**MEMÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA ESTUDANTE DE HISTÓRIA:  
ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DE TRAJETÓRIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a obtenção do título de graduada em Licenciatura plena em História.

Área de concentração:

Orientação: Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto

**Guarabira - PB  
2017**

S586m Silva, Anna Valéria Gomes e

Memórias autobiográficas de uma estudante de história: elementos para uma análise de trajetória / Anna Valéria Gomes e Silva. – Guarabira: UEPB, 2017.  
24 p.: Il. Color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Francisco Fagundes De Paiva Neto”.

1. Formação. 2. Memória. 3. Ensino de História. I. Título.

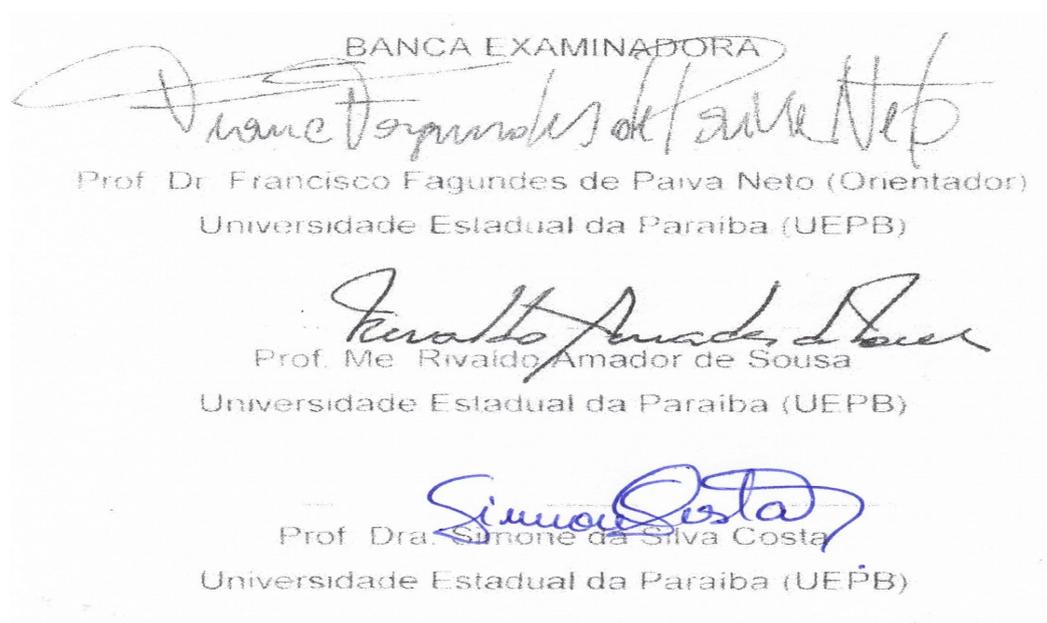
22.ed. CDD 900

**ANNA VALÉRIA GOMES E SILVA**

**MEMÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA ESTUDANTE DE HISTÓRIA:  
ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DE TRAJETÓRIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a obtenção do título de graduada em Licenciatura plena em História.

Aprovada em: 09/08/2017.



Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me deu forças e sabedoria para vencer mais uma etapa de minha vida. A minha família, em especial a meu pai Jose Maria que me inspira todos os dias. Dedico ainda, a todos os que contribuíram para mais essa realização na minha vida acadêmica e àqueles que acreditam numa educação de qualidade fundamentada no compromisso, no amor e na dedicação.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por sempre guiar meus caminhos, me concedendo saúde e força para  
enfrentar as adversidades

Ao meus pais pelo amor, incentivo e apoio incondicional

Aos meus irmãos (a) Matteus, Marcia e Valeska pelo amor e força de sempre

Ao meu querido orientador professor Fagundes pela atenção e suporte no tempo  
que lhe coube, pelas suas correções e incentivo.

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que  
oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela  
acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

Aos meus amigos Janoel e Ana pela amizade e companheirismo

Aos meus alunos que me ensinam constantemente e aprendem comigo  
cotidianamente

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação, a todos o  
meu muito obrigada.

## **RESUMO**

O presente Memorial de Formação aborda pontos significativos da trajetória da vida estudantil, profissional e acadêmica de Anna Valéria Gomes e Silva, tendo como objetivo descrever recordações da infância, desde o primeiro contato com as experiências com a instituição escolar nos primeiros estágios, passando pelo ingresso no Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sendo esse acontecimento o marco inicial para formação acadêmica. Reflete ainda o processo de construção do conhecimento durante o período de formação e aprendizagem, bem como as transformações e redimensionamentos em minhas práticas pedagógicas, diante de uma nova compreensão das teorias e concepções educacionais do Historiador.

**Palavras-Chave:** Formação. Memória. Ensino de História.

## **ABSTRACT**

The present Formation Memorial addresses significant points in the trajectory of the student, professional and academic life of Anna Valéria Gomes e Silva, , that the purpose of describing childhood memories, from the first contact with the experiences with the school institution in the first stages, passing through the Licentiate Course in History of the Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), this event being the starting point for academic formation. It also reflects the process of knowledge construction during the formation and learning period, as well as the transformations and resizing in my pedagogical practices, before a new understanding of the theories and educational conceptions of the Historian.

**Keywords:** Formation. Memory History

## **RESUMEM**

El presente Memorial de Formación aborda puntos significativos de la trayectoria de la vida estudiantil, profesional y académica de Anna Valéria Gomes e Silva, teniendo como objetivo describir recuerdos de la infancia, desde el primer contacto con las experiencias con la institución escolar en las primeras etapas, pasando por el ingreso En el Curso de Licenciatura en Historia de la Universidad Estatal de Paraíba (UEPB), siendo ese acontecimiento el marco inicial para formación académica. Refleja aún el proceso de construcción del conocimiento durante el período de formación y aprendizaje, así como las transformaciones y redimensionamientos en mis prácticas pedagógicas, ante una nueva comprensión de las teorías y concepciones educativas del Historiador.

**Palabras Clave:** Formación. Memoria. enseñanza de historia

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 IMPORTÂNCIA DE RECONSTRUIR AS MEMÓRIAS DOS PROFESSORES.....	09
3 MEMORIAL DE FORMAÇÃO.....	11
4 OS CAMINHOS DA ESCOLA.....	13
4.1 Alternando etapas.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

## 1 INTRODUÇÃO

Este Memorial de formação, sob o título “Memórias Autobiográficas de uma estudante de história: elementos para uma análise de trajetória” fruto do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) pressuposto à obtenção do diploma de Licenciatura Plena em História – habilitação para educação do ensino fundamental a partir da segunda fase e do ensino médio, objetivando relatar acontecimentos marcantes ocorridos em minha trajetória estudantil, profissional e acadêmica. Produzir esta narrativa memorialística aduz ao presente, momentos inesquecíveis e complexos vivenciados em situações distintas permeando as etapas da vida, aproximando o discurso das vivências e da experiência e almejando o desejo de resistir e buscar respostas para perguntas existenciais é um exercício de auto reflexão sentido de refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado.

Para tanto, este memorial está dividido em quatro sessões, sendo esta introdução caracterizada como primeiro capítulo e objetiva apresentar sua estrutura composicional. No segundo, aborda a reflexão inicial analisando através da formação inicial da alfabetização ao magistério. No terceiro, encontram-se considerações sobre a prática pedagógica exercida em função do aprendizado no curso de magistério. No quarto, a reflexão e a análise das aprendizagens com relação a pratica educativa do historiador adquiridas durante a trajetória acadêmica. Considera-se a importância deste trabalho para a formação continuada em decorrência dos estudos realizados.

Sendo este memorial o resultado da análise de minha trajetória educativa e de uma revisão das obras examinadas ao longo do curso e os autores citados foram selecionados para embasar os conhecimentos pessoais.

## 2 IMPORTÂNCIA DE RECONSTRUIR AS MEMÓRIAS DOS PROFESSORES

"Crescer como Profissional, significa ir localizando-se no tempo e nas circunstâncias em que vivemos, para chegarmos a ser um ser verdadeiramente capaz de criar e transformar a realidade em conjunto com os nossos semelhantes para o alcance de nosso objetivos como profissionais da Educação". (Paulo Freire)

Percebe-se o crescimento de estudos na área da educação, sobre o uso do resgate de memórias dos professores, com objetivo de compreender melhor as relações e condições do docente, tendo em vista que reconstruir as teorizações e os recursos de pesquisa e formação profissional (BURNIER et al., 2007).

Ao analisarmos a literatura internacional sobre o tema, autores como Dominicé (1990), Dubar (1997), Ferrarotti (1988), Goodson (1992), Huberman (1992), Nóvoa (1992) e vários outros, elucidam bem essa tendência, proporcionando intenso auxílio na bibliografia sobre a temática.

De acordo com Nunes e Cunha (2005) foi só a partir da década de 1990, que solidificou as discussões sobre a temática no Brasil, fazendo com que diversos autores começassem a estudar a temática e destacando sua importância, quanto sua qualidade e importância heurística.

A obra pioneira sobre a temática é *Vida de professores* de António Sampaio da Nóvoa, no qual o autor mostra os resultados de suas pesquisas, abordando os desafios e as possibilidades de como se trabalhar com memórias. Um dos destaques do livro são suas considerações, no qual o autor elucida sobre a problematização da pesquisa em educação, na qual "a profusão de interesses, de concepções e de estratégias que se acomodam sob a designação de histórias de vida. A situação complica-se consideravelmente quando se menciona a heterogeneidade de modos de trabalho e de técnicas de investigação" (NÓVOA, 1992, p. 23). O autor conclui afirmando que a diversidade não é um obstáculo e sim, uma maneira de ampliar os recursos metodológicos dos professores.

Assim, as narrativas autobiográficas estão inseridas no campo da história oral, no qual compreende estudos entre memória e história, caminhos pessoais, biografias, autobiografias e histórias de vida. Ao optar por esse objeto de pesquisa, o pesquisador necessita levar em consideração, o que almeja alcançar, levando em

conta para quem será apresentado e as circunstanciais do contexto. Para Chauí (1995):

[...] o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-la, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária, no que lembra e no como lembra [...]. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar” (CHAUÍ, 1995, p. 84)

Dessa forma, “a memória é central na estruturação da mente. Somos o que somos pela memória. Vivo, porque me lembro quem sou” (IZQUIERDO, 1998, p. 4). O teor da memória, independente que seja estabelecido em nível individual, o que a memória grava, junta, reprime, exclui, repete, relembra, é fruto de uma tarefa de organização, de (re)construção. Sendo assim, essa reconstrução retrata a memória seletiva do ocorrido, por conseguinte, a seleção daquilo que é inserido na narração corresponde a critérios apontados pelo contexto presente (SAVALI, 2006).

Porém, segundo Vygotsky (1984; 2001) para ouvir a memória, necessita-se fornecer o conceito de linguagem, no qual o docente produzido nas relações sociais, na ligação com o outro, com o vínculo estabelecido pela Linguagem. Dessa forma, o autor quis dizer que, a memória não deve ser analisada como verdade absoluta e sim como ela forma o sujeito no seu lugar social.

Mishler (2002) distingue dois aspectos que podem ser empregados ao analisar as narrativas. O primeiro deles é no ponto de vista tempo/cronológico e o segundo através do modelo tempo narrativo/experiencial. Assim, as narrativas contidas no Memorial são vistas como sendo ocasionada no tempo narrativo/experiencial, haja vista, que podem ocorrer vários fatos para uma mesma coisa. Nesse sentido, a relevância do contexto na produção das narrativas, assinalam a possibilidade “de reinterpretar o significado dos eventos passados em termos de consequências posteriores, por meio das quais eles redefinem quem são e revisam os enredos de suas histórias de vida” (MISHLER, 2002, p.104).

Nessa direção, segundo as percepções de Connelly e Clandinin (1995), dado que declaram que o homem é necessariamente um contador de histórias que extrai significação do mundo pelas histórias que conta. Nas palavras dos autores:

[...] a razão principal para o uso da narrativa na investigação educativa é que nós seres humanos somos organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivemos vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma em que os seres humanos experimentam o mundo. Dessa ideia geral se deriva a tese de que a educação é a construção e a reconstrução das histórias pessoais e sociais, tanto os professores como os alunos são contadores de histórias e também personagens nas histórias dos outros e em suas próprias (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 11).

Percebe-se que diversos estudos sobre importância do resgate das memórias dos docentes estão focados no apreço, cuidado, afeição, emoção e calma. Além disto, observa-se com objeto de pesquisa: a postura e atitude do docente como educador, seu trabalho pedagógico e como combater o fracasso escolar. Nestes trabalhos, como o de Almeida (1999), Alves (1993), Chalita (2004) e Puebla (1997), o mérito é total dos professores, ao saber ensinar e conduzir a sala de aula, trazendo prazer em aprender aos discentes. Essas características são intensificadas, por meio, de recurso memória, no qual, colabora para a percepção das razões que influenciam na formação profissional do professor.

Dessa forma, percebe-se conforme Saveli (2006) que a narrativa memorialística usa como base o convívio do sujeito com a sua realidade. Assim, ao relatar suas memórias e experiências o docente estabelece o lembrar, do como lembrar e o interlocutor, fazendo com que, a memória seletiva se volta ao social e para o individual. Logo, toda sua lembrança é seleta em função da perspectiva cultural e ideológica do grupo a quem o documento se propõe.

### **3 MEMORIAL DE FORMAÇÃO**

“Escrevo. Esse fato irredutível introduz uma ruptura entre o antes e o depois. Depende somente de mim, nesse instante, de escrever ou não; eu tenho a liberdade de tomar ou não a palavra que se enuncia por meu intermédio e de não fixar seu voo sob a forma de escrita destinada a durar” (George Gusdorf).

O dicionário Aurélio de português, afirma que memorial significa um livro de lembranças, ou em outras palavras, algo que traz uma memória. Enquanto que formação, pode ser definido como o ato ou efeito de formar ou formar-se. Assim,

conforme Nogueira (2008) o memorial de formação pode ser entendido como uma história reflexiva de acontecimentos importantes.

Ainda de acordo com Nogueira (2008), o memorial de formação pode ser considerado uma valiosa fonte, no qual oferece um embasamento para podemos entender os processos formativos. Passeggi (2006, p. 206) complementa afirmando que “o objetivo dos memoriais é promover uma atitude reflexiva sobre as experiências profissionais, adquiridas antes e durante a graduação”. Percebe-se assim, que um memorial torna-se um importante aliado para compreensão da própria formação.

A pesquisadora Passeggi (2006) constatou que foi a partir de 1990, que o memorial de formação, tornou-se uma prática habitual na formação do professor. O primeiro curso a oficializar a prática foi em um curso de magistério no Rio Grande do Norte, em 1994. O objetivo do curso era causar modos reflexivos antes e depois da graduação, atualmente na mesma faculdade, o memorial é requisito para finalização do curso. Em conformidade Sartori (2008) afirma que o memorial é requisito de conclusão de curso em diversas faculdades como no curso de pedagogia da Universidade Estadual de Campinas. Prado e Soligo (2007) defendem essa prática como forma de aperfeiçoar o pensamento reflexivo.

Conforme Morais (2008) escrever sobre memorial de formação, é uma maneira de dar um novo significado a formação do professor, pois boa parte dos estudantes de graduação ao concluir sua licenciatura, já tem passado pelo magistério. Assim, passar um pouco da sua experiência é importante, principalmente quando relatadas por meio de narrativas e memoriais, sendo uma utilidade para que os docentes possam aperfeiçoar sua aptidão de ver e de pensar o que fazem. Dessa forma, para ter êxito ao escrever um memorial, o autor deve “explora o potencial formativo do memorial e se deixa envolver pelo encantamento estético e ético de fazer da vida intelectual e profissional um texto acadêmico como arte autoformadora de si mesmo como profissional” (PASSEGGI, 2008, p. 127).

Ainda segundo Morais (2008) a importância da realização da escrita de memoriais de formação no grau em que podem admitir aos docente/discente, a descoberta de si e a reorganizar o significado de sua vida profissional. Versa-se assim, de uma contemplação de si próprio, por meio da procura de perceber as suas inspirações e anseios por uma reflexão do seu eu. Logo, através desse pensamento

da autora, conhecer a si mesmo é fundamental para escrever um bom memorial de formação.

Diante de toda a discussão até agora sobre a temática, não poderíamos deixar de falar sobre a obra: O Narrador: considerações sobre a vida de Nikolai Leskov. Neste livro o seu autor Benjamim (1987) ao narrar a vida de Leskov, o observava como alguém além do seu tempo, que via o homem como um ser avulso, uma obra típica da história oral, mostrando por meio de um memorial o dia-dia de Leskov. Dessa forma, para o autor a narrativa é uma maneira de deixar sua marca no que descreve.

Ao realizar um estudo utilizando memorial, Soares (1991) salienta a importância de rememorar. Haja vista que, ao voltarmos ao passado, recuperamos variados caminhos da nossa vida, sempre com conexão ao presente. O autor ainda destaca que ao usar o memorial de formação o escritor não consegue fugir da sua essência.

Assim sendo, esse trabalho de conclusão de curso, optou pela realização de um memorial de formação, por ser considerado uma forma de narrativa (auto)biográfica, sendo considerado um gênero textual privilegiado “para que os educadores – enfrentando o desafio de assumir a palavra e tornar públicas as suas opiniões, as suas inquietações, as suas experiências e as suas memórias – escrevam sobre o processo de formação e a prática profissional” (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 46).

#### **4 OS CAMINHOS DA ESCOLA**

“Olhando para a direita e para a esquerda, E de vez em quando olhando para trás...E o que vejo a cada momento É aquilo que nunca antes eu tinha visto, E eu sei dar por isso muito bem...” (Fernando Pessoa).

Assim ao transcrever as memórias da minha formação acadêmica observo que através de imagens e ideias atuais reconstruir experiências do passado é, portanto, uma tarefa desafiadora, pois caminhei em busca do meu passado adormecido.

Nasci na cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, no ano de 1987. Minha família se insere na classe média: minha mãe cursou até o sexto ano do ensino fundamental e meu pai tem nível superior completo, apesar de terem origem humilde, vindos do interior do Estado mais precisamente das cidades de Itabaiana (minha mãe) e de Pilar (meu pai). Chegaram à cidade de João Pessoa, onde tiveram oportunidade de estudar mesmo tendo que trabalhar. Ao contraírem matrimônio tiveram quatro filhos e eu sou a “caçula” das mulheres. Todos nós fomos bem assistidos no que se refere a educação. Dos quatro duas ingressaram no ensino superior e a outra nível técnico e o mais novo ainda está concluindo o ensino médio.

Iniciei a minha trajetória estudantil no início do ano de 1994, aos sete anos de idade, no então jardim de<sup>1</sup> infância, atual educação infantil, no Centro Educacional Monteiro Lobato, localizado na cidade de Alagoinha, era uma escola particular bem estruturada dentro de suas possibilidades, recorro que várias atividades eram realizadas para o melhor desenvolvimento biopsicossocial das crianças, proporcionando uma visão integral do ser, que compreende as dimensões física, psicológica e social e era, portanto, uma escola considerada referência na cidade à época.

As lembranças dessa fase da minha vida são um tanto distantes, mas ao fazer o exercício de rememora-las concretizo o que autores como NÓVOA (1992) defendem, que a análise de materiais escritos por professores pode oferecer um novo campo de possibilidades interpretativas para a pesquisa em educação.

Recordo-me que a escola era pequena e aconchegante. Atendia a um público da classe média já que nosso município é bem pequeno e não vislumbra muitas pessoas de grandes posses e esses, por sua vez, geralmente estudavam nas escolas da cidade de Guarabira que eram maiores e tradicionais. Além das aulas tínhamos atividades esportivas e artísticas, participava de várias apresentações sobre folclore e outras datas comemorativas a exemplo da emancipação política da cidade de do Brasil, e foi lá onde conclui a fase do ensino infantil. Lembro-me que todos os dias nós cantávamos o hino nacional e hasteávamos a bandeira todos os dias.

---

1

Nesta etapa da minha vida eu passei a morar na zona rural, pois meu pai era funcionário público e nesse período assumiu a chefia de um órgão do Estado que está situado numa fazenda experimental, o trajeto que fazia todos os dias para a escola, era como se fosse uma aventura desde à ida até a volta pra casa.

Essa fase foi importantíssima, porque foi à base de toda minha aprendizagem e esse processo de ensino-aprendizagem precisava acontecer em um ambiente que proporcione o desenvolvimento da criatividade, respeito. Minha sala de aula não era muito ampla, porém todos os anos as decorações eram renovadas para criar um ambiente mais infantil, e havia mural que identificava nossa rotina e nossas produções, como também existia um espaço destinado a brincadeiras, possibilitando desenvolver capacidades tais como socialização, concentração afetividade como também identidade e autonomia.

No ano de 1998, conclui a fase da educação infantil e ingressei no ensino fundamental II, anteriormente chamado de “5ª série” momento no qual mudei de escola fui para uma escola estadual Agenor Clemente dos Santos. Era tudo tão novo, tanto particular na minha vida, pois estava transcendendo da puberdade para adolescência como também na vida escolar, eram tantos professores, tantas matérias novas e esses professores não eram mais nossas “tias” além de vários colegas novos que muitos deles me acompanharam nessa trajetória.

Lembro-me que me adaptei fácil a nova escola, gostava dos professores e gostava de interagir apesar de ser tímida. A metodologia utilizada pela maioria dos professores era tradicional, onde o aluno era considerado receptor de informações. Eram utilizados livros didáticos e quadro negro e giz, as avaliações era feitas, através de exercícios que tínhamos que decorar perguntas e respostas e às vezes eram exercícios orais. Sobre isso, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) introdução,

[...] a metodologia decorrente de tal concepção baseia-se na exposição de conteúdo, numa sequência predeterminada e fixa independentemente do contexto escolar; enfatizava-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos. (BRASIL, 1997, v. 1, p. 39)

Assim pratica tradicionalista de ensino praticamente predominante à época, nos condicionava a apenas responder questões e não estimulava a desenvolver o senso crítico, nos condicionando a meros receptores de informações. Ainda sobre

minhas memórias escolares recordo-me que finda a fase do Ensino Fundamental, passei por um novo desafio: ir para uma nova escola em outra cidade, infelizmente, a escola que estudava, não proporcionava um ensino preparatório para que pudesse me fazer competir nos vestibulares e obter êxito, conseguindo uma vaga na universidade. Na época os vestibulares eram muito concorridos e meus pais tomaram a decisão de me matricular novamente em uma escola particular que se chamava Colégio Santo Antônio, escola tradicional da cidade de Guarabira, que ficava a 15 km da cidade onde residia. Estudei durante todo Ensino Médio nesta escola com muito sacrifício, pois a mensalidade e o material eram caros e naquela época era uma fase econômica difícil para meus pais. Mesmo com as dificuldades financeiras continuei naquela escola, onde fiz muitos amigos e muitos reencontrei ao ingressar na Universidade.

A escola nos proporcionava várias atividades e principalmente no último ano fomos bem preparados para as provas do vestibular da época. O último ano do ensino médio é geralmente um ano decisivo, pois é nesse momento que escolhemos qual profissão iremos seguir o que causa insegurança na maioria das vezes. Queria tantas coisas, sonhava em cursar Direito ou Medicina Veterinária, porém tive a oportunidade de ser aluna de um professor maravilhoso que me fez ver com outros olhos o ofício de professor, ele apresentava práticas diferentes dos demais professores ele nos tratava de igual pra igual sem hierarquia e nos fazia refletir, analisar e opinar sobre as coisas, admirava seu empenho em nos fazer entender os conteúdos de Geografia e era impressionante como ele os dominava, além de que tinha um humor inconfundível.

O professor Matuzalém, era carismático e amigo dos estudantes. Em suas aulas, prestávamos atenção e participávamos com prazer, diferente das outras que era uma obrigação. Quando dizia que era horário da aula dele e ele dizia: “-Vamos para a aula” nos prontificávamos a ir, enquanto que para os demais não demonstrávamos muita empolgação. Este professor entendia que escola é um espaço social, onde estabelecemos relações interpessoais e por isso incentivava os alunos, a se tornarem verdadeiros sujeitos da escola, refletindo suas representações, construindo suas identidades pessoais e escolares.

A escola, vista numa leitura de escala como microcosmos, constitui o cenário no qual coletivo de indivíduos precisam cooperar entre si, lidam com conflitos, pautam-se por códigos específicos, assumem atitudes, atendem necessidades e

manifestam seus interesses (PADRÓS, 2002, p. 40). Terminado o 3º ano tinha chegado a hora do vestibular – me inscrevi no vestibular para Direito na UEPB, que era a universidade mais próxima da minha casa, eu não pretendia morar longe dos meus pais naquele momento, porém não passei, e aquilo me deixou frustrada, me senti incapaz, mas não desisti de meu sonho de ser universitária. Nunca pensei em ser professora, sentia medo de falar em público e por mais que gostasse de História e Geografia, não me sentia capaz de ser uma boa professora.

No ano seguinte após a conclusão do Ensino Médio, prestei vestibular novamente desta vez para História e consegui a aprovação. Não era bem o que queria, mas aos poucos eu fui me adaptando e crescendo dentro do curso. Eu venho de uma “descendência revolucionária” Meu pai na época de estudante era ligado a movimentos sociais, era ligado a partidos políticos de esquerda, e cresci ouvindo suas histórias de militância no movimento estudantil, o qual era membro o grêmio estudantil – Daura Santiago Rangel do Liceu Paraibano e no período da Ditadura Militar engajou-se no movimento contra a repressão.

Ele contava suas aventuras vivenciadas enquanto “subversivo” de nome de guerra “Pierre” época em que fugir da Paraíba para o sul do país e passou a viver na clandestinidade escondendo-se dos órgãos de repressão que passaram a persegui-lo devido a sua liderança no movimento reacionário, pois, chegou a ser presidente do PCB entidade considerada estratégica para evolução dos movimentos de esquerda na Paraíba e logo fui influenciada e chegando à universidade esse sentimento se apurou ainda mais. Dessa forma transcrevendo implicações de Pollack (1992) sobre memória e identidade social pode-se depreender que essa “influência” remontam os processos sociais de experiência individuais e coletivas:

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLACK, op. cit., p. 201).

Sendo assim, alguns eventos vividos individualmente ou em grupo têm como reflexo uma herança social, podendo ser transmitida em outros espaços (institucionais ou não) por aqueles agentes que os experienciaram. (PAIVA NETO, 2015, p. 297)

A chegada à universidade foi interessante, tudo era muito novo para mim, tão diferente do Ensino Médio. Lembro que nos primeiros dias de aula cheguei entrei

na sala acanhada, um tanto tímida, temia não poder acompanhar o conteúdo e me sentia insegura. Como é tradição nas primeiras aulas tem um momento de socialização onde dizemos o nome e o propósito de se fazer determinado curso e em um desses momentos de apresentação dos alunos, fiquei nervosa, não sabia exatamente porque eu estava ali e porque escolhi o curso de história, pois que não me sentia confortável quando se falava em dar aulas, isso nunca tinha passado pela minha cabeça, detestava a profissão de professor, queria ser qualquer coisa menos professora. Essa perspectiva de desvalorização do professor parte da manifestação de uma crise sobre a condição de ser professor em um espaço escolar cheio de limites: baixa remuneração, violência, carências materiais (PAIVA NETO, 2015, p. 297).

O primeiro ano foi de adaptação, novas linguagens, texto, eram muitos textos, alguns bem difíceis de compreender principalmente os de Teoria da História, apesar da professora Elisa ser brilhante a própria linguagem era muito densa e específica. Recordo-me que a professora fez a seguinte indagação: “Se tudo é história logo a história não existe?” e fiquei refletindo dias sobre como era possível se responder essa questão.

Na turma que eu estava havia muitos colegas que eu admirava, eram muito inteligentes e me ajudavam sempre que necessário. Além dos colegas e alguns professores que marcaram como a professora Serioja que foi na disciplina que ela lecionava que apresentei o meu primeiro seminário que foi um fiasco total, quando chegou nossa vez de apresentar, fiquei muito nervosa e me enrolei, não sei se estava explicando corretamente assim fugi de todos os seminários possíveis, como também professor Fagundes que despertou meu interesse sobre os estudos da memória.

Só que o destino tinha me reservado uma surpresa: no ano seguinte fui chamada para lecionar na escola onde havia estudado, o padre que lecionava a disciplina de História foi transferido e surgiu a vaga e assim antes mesmo de terminar o curso eu já estava na sala de aula. Quando fui chamada fiquei muito feliz, afinal seria meu primeiro emprego, mas confesso que me assustei, pois se eu fugia dos seminários da faculdade imagine dar aula para o ensino médio. Neste emprego fiquei por três anos, no início não sabia exatamente o que fazer em sala de aula.

Possuía conhecimento relacionado à teoria, mas achava que sempre deveria saber mais que havia aprendido nas disciplinas de didáticas. Lecionava disciplinas

diferentes em várias turmas e com isso encontrei dificuldade em desempenhar meu trabalho além de que controlar o alunado era um desafio que por eu ser jovem, muitos alunos não aceitavam minhas proposições e palavras de ordem além de que eram muitos e tão diferentes uns dos outros. Como lidar com todos?.

Meu segundo ano como professora foi bem tranquilo, assim como os demais. Já sabia o que trabalhar com os alunos e passei a entender seus comportamentos, e hoje, consigo trabalhar com as turmas de forma diferente e criativa. Nesta fase passei a ter um olhar reflexivo sobre minhas práticas pedagógicas, pois o professor deve estar numa busca constante de respostas para seus questionamentos e para melhorar os resultados almejados por suas práticas. Segundo Paulo Freire (1992, p.32) o docente precisa pesquisar, pois “não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino” e partir desses resultados saber pensar, que consiste em duvidar de suas próprias certezas, questionar, suas verdades. Se o docente faz isso, terá facilidade de desenvolver em seus alunos o mesmo espírito.

No ano seguinte me afastei da escola, fui exonerada, pois se tratava de um emprego de indicação política, o então governador na época foi cassado e todos os contratados perderam seus empregos. Passei um tempo longe da sala de aula, até que então retornei ao ofício, fase muito proveitosa que devido ao amadurecimento e a afinidade com o curso faziam com que a prática com os alunos fosse facilitada, sabia como planejar as aulas e como lidar com os diversos desafios que surgiam ao longo do período que fiquei naquela escola além de que desenvolvi a oratória, enfrentando a dificuldade de falar em público.

#### **4.1 Alternando etapas**

Nos anos finais do curso, chegou o momento do estágio na primeira fase era a observação, apesar de já estar lecionando, não fui dispensada do estágio, que foi realizado no Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho, e na segunda fase na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo - Colégio Polivalente.

Foi uma experiência bem diferente: por mais que já tivesse lecionado planejar aquelas aulas juntos meus companheiros de sala necessitavam de um esforço especial, principalmente em demonstrar confiabilidade nos termos teóricos da disciplina de história, que fez com que os alunos ficassem mais tranquilos e

dispostos a participarem de nossa experiência como regente naquela turma, sem afetar seus hábitos comportamentais, assim como também a professora titular da sala de aula com seus conhecimentos, experiência e paciência, dentro dos objetivos voltados ao ensino e aprendizagem.

Os horários cedidos pela escola para nossa atividade prática de estágio foram gratificantes e proveitosos, considerando que buscamos conhecimentos para junto com os alunos trocarmos saberes. Podemos analisar a importância do trabalho do professor e ainda conhecer características diferentes dos métodos de levar conhecimento aos alunos. Tivemos mais um aprendizado de como se planejar uma aula e ainda como se colocar o plano em ação dentro do cronograma programado. Enquanto os méritos como professores, nós buscamos apreender muito mais com a turma que ensinar, foi uma experiência gratificante e proveitosa. Os momentos em que estivemos na sala de aula, ora como professor, e ainda como estagiários, pudemos analisar a importância do profissional em educação e ainda conhecer características diferentes dos métodos de levar conhecimentos aos alunos. Assim como também foram de grande valia os momentos dos diálogos com os alunos, porque tivemos informações sobre de seus aspectos sócio/culturais onde buscamos relacioná-los aos temas abordados, assim pudemos perceber o motivo de algumas compreensões singulares de aprendizagem.

Ao refletir sobre minha situação em sala de aula, observo melhorias significativas das práticas executadas no cotidiano escolar e sinto-me feliz, pois não posso dizer que foi uma profissão planejada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do presente memorial possibilitou uma análise teórico-metodológica da relação sujeito-ofício, relatando e enfatizando os desafios da docência e os processos de reconstrução de identidade, reconstituído a memória através das narrativas autobiográficas, que frisam não somente as experiências do magistério, mas também as diversas dimensões que perpassaram na minha trajetória de vida.

A conclusão deste curso me proporcionou um progresso em vários seguimentos, como no conhecimento de teorias, metodologias e práticas educacionais, além da ascensão social, possibilitou construir uma visão positiva da docência, diferente, em muitos aspectos, da visão geral deste ofício, que muitas vezes, devido às adversidades enfrentadas pelos docentes da educação geral tem se tornado negativa.

A obtenção do diploma do curso de História me permite traçar novos rumos, possibilitando o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas e do conhecimento adquiridos ao longo do curso.

É imperioso destacar a importância da profissão, pois poderemos influenciar diretamente na formação da identidade e nas escolhas de nossos alunos. Por fim sinto-me gratificada em poder exercer tão nobre e importante profissão a qual precede a todas as outras.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 28. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987

BURNIER, S. et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, maio/ago. 2007.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 17. ed. São Paulo: Gente, 2004.

CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

CONNELLY, M. e CLANDININ, J. Relatos de Experiencia e Investigacion Narrativa. In: LARROSA, Jorge. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes, 1995. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/264423647\\_Book\\_review\\_J\\_LARROSA\\_1995Dejame\\_que\\_te\\_cuenta\\_Ensayos\\_sobre\\_narrativa\\_y\\_educacion\\_Barcelona\\_Laertes\\_241\\_paginas](https://www.researchgate.net/publication/264423647_Book_review_J_LARROSA_1995Dejame_que_te_cuenta_Ensayos_sobre_narrativa_y_educacion_Barcelona_Laertes_241_paginas)>. Acesso em: 02 ago. 2017.

DOMINICÉ. Pierre. **L'histoire de vie comme processus de formation**. Paris: Edition L'Harmattan, 1990.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p. 63-78.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

IZQUIERDO, I. et al. Mechanisms for memory types differ. **Nature**, v. 393, p. 635-6, 1998. Disponível em:

<[www.nature.com/nature/journal/v393/n6686/full/393635a0.html?foxtrotcallback=true](http://www.nature.com/nature/journal/v393/n6686/full/393635a0.html?foxtrotcallback=true)>. Acesso em: 2 ago. 2017.

MISHLER, E. G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: LOPES, L. P. M.; BASTOS, L. C. (Orgs.). **Identities**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras, CNPq, 2002. p. 97-119.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos. **A escrita de si em memoriais de formação**. In: V Congresso de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – São Gonçalo. São Gonçalo: Botelho Editora, 2008.

NOGUEIRA, Eliane Greice Davanço et al. A escrita de memoriais a favor da pesquisa e da formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. (Org.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, 2008.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

PASSEGGI, M. C. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, E. C. ABRAHÃO, M. H. M. B (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; EDUNEB, 2006, p. 206.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (Org.) **(Auto)Biografia**: formação, territórios e saberes. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2008. p. 103-132.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. Memorial de Formação: quando as memórias narram a história de formação. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões e superações. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. p. 45-59.

PUEBLA, Eugenia. Educar: desenvolver a essência do Ser. In: \_\_\_\_\_ . **Educar com o coração**. São Paulo: Peirópolis, 1997. Cap. 1, p. 19-27.

SARTORI, A.T. Estilo em Memoriais de Formação. **Revista da ABRALIN**, São Carlos, v. 7, n. 2, p. 273-298, jul./dez. 2008.

SAVELI, E. L. Narrativas autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão do processo de formação. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 94.

SOARES, Magda. **Metamemórias**: Memórias Travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 2001.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e Linguagem**. 10. ed.. Petrópolis: Vozes, 2001.

VYGOTSKY, L. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

PAIVA NETO, F. F. Práticas de memória nos relatórios de estágio em História: **breves reflexões sobre autobiografias.** Disponível em: < <http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/665/654> > Acesso 5 ago. 2017